

ALICE REPAGINADA: A “MENINA DOS OLHOS” DE CARROLL EM DIFERENTES ILUSTRAÇÕES

ALICE REDESIGNED: THE “APPLE OF CARROLL'S EYE” IN DIFFERENT ILLUSTRATIONS

Vera Lucia Oliveira Cardoso GALDINO*

<https://orcid.org/0000-0002-7226-7463>

Naelza de Araújo WANDERLEY**

<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

Resumo: Desde sua publicação, em 1865, a obra *Aventuras de Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll – pseudônimo literário do escritor e matemático britânico Charles Lutwidge Dodgson –, faz sucesso e desperta o interesse de diversos artistas em mostrar suas próprias versões para a figura da menina curiosa criada por John Tenniel, mais famoso ilustrador da obra carrolliana. Desse modo, nosso objetivo é observar como diferentes imagens dessa personagem, produzidas por diferentes ilustradores, contribuem para que ela permaneça viva no imaginário dos leitores, ao mesmo tempo em que ampliam os sentidos de sua aventura por aquele universo maravilhoso. Para tanto, selecionamos as edições ilustradas por Mariana Newlands (2014), Camille Rose Garcia (2010), Marcos Garuti (2010) e Jô Oliveira (2002), por representarem uma diversidade de traços e estilos artísticos. Como fundamentação teórica para alcançarmos nosso objetivo, recorremos aos estudos Oliveira (2008), Nikolajeva e Scott (2011), Biazetto (2008) e Fittipaldi (2008), que tratam da leitura de imagens e palavras nos livros voltados para o público infantil e juvenil. Esperamos contribuir para a ampliação de estudos que tratam da ilustração nos livros para crianças, pois ela se constitui como elemento primordial para esse público e possui inúmeras possibilidades de significação.

Palavras-chave: Livro com ilustrações; adaptações literárias; literatura infantil e juvenil.

Abstract: Since its publication, in 1865, the book *Alice's Adventures in Wonderland*, by Lewis Carroll – literary pseudonym of the British writer and mathematician Charles Lutwidge Dodgson –, has been successful and aroused the interest of several artists in showing their own versions of the figure of the curious girl created by John Tenniel, the most famous illustrator of Carroll's work. Therefore, our objective is to observe how different images of this character, produced by different illustrators, contribute to her remaining alive in the imagination of readers, while at the same time expanding the meaning of her adventure through that wonderful universe. To this end, we selected the editions illustrated by Mariana Newlands (2014), Camille Rose Garcia (2010), Marcos Garuti (2010) and Jô Oliveira (2002), as they represent a diversity of artistic traits and styles. As a theoretical foundation to achieve our objective, we resort to studies by Oliveira (2008), Nikolajeva and Scott (2011), Biazetto (2008) and Fittipaldi (2008), which deal with reading images and words in books aimed at children and young adults. We hope to contribute to the expansion of studies that deal with illustration in books for children, as it constitutes a primary element for this audience and has countless possibilities of meaning.

Keywords: Book with illustrations; literary adaptations; children's and youth literature.

* Mestrado em Letras – Profletras/UEPB, Doutoranda – PPGLE/UFCG, E-mail: verinhaoliveira@gmail.com.

** Doutorado em Letras – UFPB, Docente – PPGLE/UFCG, E-mail: naelzanobrega@gmail.com.

Introdução

A máxima “uma imagem vale mais que mil palavras”, proferida há mais de dois mil anos pelo filósofo e político chinês Confúcio – Chiu Kung – (552 e 479 a. C.), parece resumir bem o poder de comunicação que têm as imagens. Isso porque, quando se compara, por exemplo, seu alcance com o do texto verbal, elas conseguem atingir um público maior e mais diferenciado: é possível compreender uma imagem mesmo sendo criança, estrangeiro ou não alfabetizado numa determinada língua.

Com efeito, no livro *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (2013), de Lewis Carroll – pseudônimo literário do escritor e matemático britânico Charles Lutwidge Dodgson –, já no primeiro parágrafo do capítulo de abertura, a protagonista Alice questiona-se: “‘e de que serve um livro’, pensou Alice, ‘sem figuras nem diálogos?’”. Isso porque, após espiar o livro que a irmã lia, muito concentrada, Alice percebe a ausência desses elementos, que ela julga essenciais.

De fato, nos livros voltados para o público infantil, as ilustrações ocupam lugar de destaque, constituindo-se como um artefato primordial no diálogo com as palavras. Desse modo, a função desses elementos não se restringe a ser apenas um recurso decorativo para enfeitar as páginas e se tornar atrativo para os pequenos, ao contrário, as imagens tornam-se abrangentes pelas múltiplas possibilidades de significação que podem suscitar no imaginário desses leitores.

Nas aventuras de Alice pelo País das Maravilhas, as ilustrações pioneiras, criadas por John Tenniel, tornaram-se tão simbólicas e representativas daquele universo que os ilustradores, até os dias de hoje, tendem a repetir as mesmas cenas que ele ilustrou para a primeira publicação do livro em 1865, ainda que dando a sua interpretação visual àquelas figuras. Não obstante, a figura de Alice tem inspirado interpretações singulares, de diferentes artistas, que inovam pela criatividade e pela diversidade de estilos, repercutindo no imaginário de milhões de leitores por todo o mundo.

Dessa forma, neste artigo, propomos-nos a observar como diferentes imagens da personagem Alice, produzidas por diferentes ilustradores, com variações de cores, traços e características físicas e psicológicas, contribuem para que ela permaneça viva no imaginário dos leitores, ao mesmo tempo em que ampliam os sentidos de sua aventura por aquele universo maravilhoso, corroborando o poder simbólico que ela adquiriu ao longo do tempo.

Para alcançarmos esse objetivo, tomamos como metodologia a realização de uma leitura comparativa entre a obra com as ilustrações originais de John Tenniel e outras quatro edições, cujas ilustrações foram feitas por diferentes artistas contemporâneos. Para tanto, optamos por consultar a edição comentada e com ilustrações originais de John Tenniel, com tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, para a editora Zahar, intitulada *Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas; & Alice Através do Espelho* (2013).

Já para mostrarmos a interpretação visual dos outros ilustradores, dentre as muitas traduções e adaptações que o livro possui, selecionamos três obras que trazem o texto integral Carroll, em diálogo com diferentes propostas para o texto visual: a visão gráfica nordestina em estilo xilogravura de Jô Oliveira (2002); a versão gótica das ilustrações criadas pela artista plástica norte-americana Camille Rose Garcia (2010), e; uma versão mais próxima da contemporaneidade, ilustrada pela designer gráfica brasileira Mariana Newlands (2014). Já a quarta obra que escolhemos é uma adaptação do texto carrolliano em prosa para os versos rimados da literatura de cordel, produzida pelo cordelista alagoano João Gomes de Sá e ilustrada pelo paulista Marcos Garuti (2010).

Como fundamentação teórica para alcançarmos nosso objetivo, recorreremos aos estudos de Oliveira (2008), Nikolajeva e Scott (2011), Biazetto (2008) e Fittipaldi (2008), que tratam da leitura de imagens e palavras nos livros voltados para o público infantil e juvenil.

Assim sendo, inicialmente, discutimos sobre o legado de Tenniel na criação da figura de Alice no País das Maravilhas, em que destacamos 5 ilustrações dentre as 22 em que a personagem aparece ao longo do livro. Em seguida, apresentamos a imagem de Alice na visão de outros artistas nas quatro obras que utilizamos como corpus desse trabalho e explanamos acerca das inovações figurativas dessas interpretações visuais.

Ao apresentarmos cada obra, damos continuidade à discussão, mostrando nossas impressões acerca das correlações existentes entre as diferentes ilustrações e como estas contribuem para a ampliação do poder simbólico da narrativa visual no imaginário dos leitores. Por fim, tecemos algumas considerações sobre esse estudo e listamos as referências empregadas para embasar nossas afirmações.

Uma Alice para chamar de sua: o legado de Tenniel

Considerado um dos maiores especialistas em Carroll e sua obra, Martin Gardner, nas notas da Edição Comentada e Ilustrada (2013), afirma que a história de *Alice no País das Maravilhas* foi inventada por Lewis Carroll, durante um passeio de barco, com suas

amigas crianças, na tarde de 4 de julho de 1862. Eram as irmãs Liddell (Lorina, Edith e Alice), que se divertiram muito com a fascinante narrativa.

Aquele mundo maravilhoso com criaturas e acontecimentos estranhos encantou tanto a menina Alice Liddell que ela pediu ao Sr. Dodgson que registrasse aquela história para ela. Atendendo a esse pedido, ele escreveu à mão e ilustrou a narrativa, com desenhos próprios, conforme se pode observar, a seguir, na Figura 1 a página de abertura da narrativa. Por ter sido feito artesanalmente e conter 37 ilustrações, o manuscrito demorou a ficar pronto e só foi entregue a Alice quase dois anos depois, em novembro de 1864.

Figura 1 – Ilustração de Lewis Carroll para o manuscrito de *Alice no País das Maravilhas*



Fonte: Carroll, 2022.

Com efeito, quando resolveu publicar a história, em 1865, Carroll avaliou que seus desenhos não tinham a mesma qualidade que o seu texto verbal e decidiu, então, contratar um ilustrador que pudesse dar à narrativa a qualidade técnica que ele desejava na ilustração. Ele fez uma escolha acertada, porém inusitada, pois John Tenniel “era um estabelecido ilustrador político da Revista Punch” (Gergull, 2015, p. 44).

Os dois eram igualmente exigentes com o trabalho final que seria direcionado ao público, tanto que, em 1865, de acordo com Gergull (2015), a primeira remessa da obra, encomendada por Carroll à editora Macmillan and Company, foi recolhida e precisou ser destruída e reimpressa, porque Tenniel não havia gostado da qualidade da impressão. Após esse incidente, a obra foi finalmente publicada e alcançou sucesso imediato entre os leitores.

A narrativa *nonsense* de Carroll é dividida em 12 capítulos, para os quais Tenniel produziu 42 ilustrações, apresentando-nos Alice, que aparece em 22 dessas ilustrações, e as diversas criaturas que ela encontra no País das Maravilhas. Muitas dessas imagens se assemelham aos desenhos do manuscrito, visto que Carroll “frequentemente mandava seus próprios rascunhos grosseiros nas cartas com exemplos de como queria que as ilustrações fossem feitas” (Cohen; Wakeling, 2003, p. 23, apud Gergull, 2015, p. 47). Assim, havia recomendações sobre a posição que as imagens deveriam ocupar na página, para que estivessem em perfeita harmonia com o texto verbal.

Isso porque “Dodgson sabia bastante sobre a produção de livros; ele aprendeu sozinho sobre a mecânica envolvida na tipografia, na gravação da xilogravura, na encadernação e até mesmo na venda de livros” (Cohen; Wakeling, 2003, p. 23, apud Gergull, 2015, p. 47). Em outras palavras, ele sabia que a diagramação do livro poderia influenciar positiva ou negativamente a recepção da obra pelo público-leitor.

Não obstante, Tenniel não seguiu todas as recomendações de Carroll. Conforme Gardner (2013, apud Carroll, 2013, p. 258), uma recusa que chama a atenção foi a de não usar a fotografia de Mary. H. Badcock (uma outra amiga criança de Carroll) como modelo para criar a imagem de Alice, argumentando que ele precisava tanto de um modelo para isso, como Carroll precisava de uma tabuada para resolver um problema matemático.

Assim, Tenniel criou uma Alice diferente tanto de Alice Liddell, “que tinha cabelo curto e franja caindo lisa sobre a testa” (Gardner, 2013, apud Carroll, 2013, p. 258), quanto da fotografia enviada por Carroll, e deu forma a sua própria Alice, conforme se pode observar na Figura 2, a seguir. Essa personagem se tornou uma das protagonistas mais famosas da literatura mundial, inspirando outros artistas a se aventurarem no desafio de recriá-la, dando-lhe novos contornos e traços de personalidade.

Figura 2 – Alice criada por John Tenniel



Fonte: Carroll, 2013, p. 13.

Conforme Oliveira (2008, p. 32), “o real é o caminho mais legítimo para o imaginário”. Seguindo essa premissa, Tenniel emprega seu traço realista e cria a figura da menina curiosa, de cabelos longos e ondulados, que usa um vestido godê com avental sobreposto e sapatilha. De acordo com Boscariol (2022), essa imagem foi tão bem aceita pelo público que se tornou uma referência de moda e foi adaptado para a vida real, a fim de dar mais liberdade às crianças durante as brincadeiras, visto que a sociedade daquela época se adaptava para incluir um estilo de roupa menos formal e mais relaxado para os pequenos.

Ao longo de sua aventura pelo País das Maravilhas, Alice vai passando por transformações em seu corpo, crescendo e diminuindo de tamanho como quando toma uma bebida e diminui, ficando com apenas 25 centímetros de altura, e, em seguida, come um bolinho e aumenta de tamanho, ficando com o pescoço desproporcional ao seu corpo (Figura 3), “espichando como o maior telescópio que já existiu!” (Carroll, 2013, p. 16).

Figura 3 – Alice crescendo após comer um bolinho



Fonte: Carroll, 2013, p. 17.

Outros episódios que marcam essas mudanças de tamanho são a figura gigantesca de Alice, quase não cabendo dentro da casa do Coelho Branco, e sua imagem minúscula, ao lado do cãozinho que ela encontra no bosque e, mais adiante, tendo de ficar na ponta dos pés para ver a Lagarta em cima de um cogumelo. Essas ilustrações, conforme observamos no compilado da Figura 4, mostram como a narrativa visual dialoga com o texto, ativando as memórias do leitor para construir sentidos para o que lê.

Figura 4 – Estica e encolhe de Alice





Fonte: Carroll, 2013, p. 33-34, 36, 39.

Conforme Fittipaldi (apud Oliveira, 2008, p. 97), o repertório de leituras, que o ilustrador acumula ao longo de sua vida e de sua carreira, influencia sua maneira de expressar sua interpretação visual sobre os textos que lê, visto que, como leitor e criador de imagens, “as suas várias leituras, impregnadas de certo grau de empatia, são alimentadas pelas afinidades e contradições despertadas pelo texto”. Desse modo, a imaginação criativa desse profissional, permeada por suas memórias afetivas, possibilita “o aparecimento de imagens visuais estreitamente relacionadas aos contextos ficcionais e poéticos”, que podem ressoar nos leitores como uma “alternativa visual engendrando acontecimentos.”

Múltiplos olhares para a “menina dos olhos” de Carroll

Desde sua publicação, em 1865, *Alice no País das Maravilhas*, como é mais conhecida a obra de Carroll, conquista leitores e admiradores por todo o mundo, tendo sido traduzida para mais de uma centena de idiomas e adaptada para variadas linguagens artísticas. Para nossa discussão, trouxemos quatro exemplares de livros, nos quais consideramos marcante o trabalho dos ilustradores, que conseguiram imprimir sua marca visual na recriação da menina curiosa e sagaz do mundo carrolliano, ampliando a simbologia da imagem criada por Tenniel.

Nessa perspectiva, nas quatro edições selecionadas, que comentaremos a seguir, a imagem de Alice traduz a singularidade na interpretação visual de cada artista, mostrando “todo um universo e um modo de ver particular do ilustrador” (Biazetto, 2008, apud Oliveira, 2008, p. 75), isto é, a partir da leitura que cada um fez da narrativa verbal que tinha em mãos, colocando em seus desenhos seu conhecimento técnico e sua experiência,

imprimindo um tanto de sua personalidade em seu trabalho. Dessa forma, essas ilustrações ocupam um lugar de destaque, dialogando atrativamente com o texto verbal, favorecendo o envolvimento do leitor com o universo literário.

Alice em xilogravura nordestina, de Jô Oliveira

A cultura nordestina é bastante diversificada e envolve uma variedade de manifestações que abrangem a dança, a música, o folclore, o teatro, a literatura, a ilustração, entre outras linguagens artísticas, cada uma delas com seus elementos constituintes que não apenas as distinguem de outras formas de arte, mas também carregam o gene da identidade nordestina, mostrando ao mundo sua origem.

Assim ocorre com as ilustrações em estilo xilogravura popular de Jô Oliveira, que propagam a cultura nordestina pelo mundo e levam a marca do artista, com personagens arredondados e polpudos feitos artesanalmente usando placas de madeira ou linóleo. Para a adaptação de *Alice no País das Maravilhas* (2002), da Editora Ática, com tradução do texto integral de Carroll feita por Ana Maria Machado, o artista criou 25 ilustrações, tendo Alice presente em 21 delas.

Conforme se pode perceber na Figura 5, a seguir, a Alice de Jô Oliveira se diferencia da de Tenniel pelo estilo do desenho, mas guarda algumas semelhanças, tanto na aparência física (corpo e cabelo) como no vestido rodado com avental sobreposto e a sapatilha preta, além de ambas serem ilustrações em preto e branco.

Figura 5 – Alice em estilo xilogravura popular de Jô Oliveira



Fonte: Carroll, 2002, p. 15.

A narrativa visual, inspirada na arte popular nordestina que adorna as capas dos folhetos tradicionais da literatura de cordel, está em plena harmonia com a proposta da tradução da obra, visto que Ana Maria Machado se propõe a aproximar, da cultura brasileira, os jogos de palavras e canções usados por Carroll. Por exemplo, no segundo capítulo, “A lagoa de lágrimas”, quando Alice se questiona sobre os acontecimentos estranhos que tem vivido naquele lugar e se continua sendo ela mesma ou se transformara noutra criança, ela começa a comparar suas características com as de suas colegas para provar a si mesma sua identidade. Nessa tentativa de autoafirmação, Alice tenta lembrar as lições que aprendera na escola, e a tradução de Machado traz a cantiga “Como pode um peixe vivo”, conforme se pode observar no Quadro 1, a seguir, comparativo entre a tradução adaptada feita por Machado (2002) e a de Borges (2013), do original de Carroll:

Quadro 1 – Comparativo entre traduções

Adaptação de Ana Maria Machado (2002)	Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges (2013)
<p>Vou ver se consigo cantar. Quem sabe? Aquele canção do peixe vivo...</p> <p>Cruzou as mãos no colo, como se fosse uma menina muito bem comportada dizendo a lição, e começou a ensaiar. Mas a voz saiu rouca e esquisita. E as palavras... bem, vieram muito diferentes do costume:</p> <p style="padding-left: 40px;">Como pode um crocodilo viver dentro da água fria? Navegando pelo Nilo, boca aberta de alegria...</p> <p style="padding-left: 40px;">Como poderá viver? Como poderá viver? Sem um peixe, sem um sapo, Na bocarra a mastigar...</p>	<p>Vou tentar recitar “como pode...”, e de mãos cruzadas no colo, como se estivesse dando lição, começou a recitar, mas sua voz soava rouca e estranha e as palavras não vieram como costumavam:</p> <p style="text-align: center;"><i>Como pode o crocodilo Fazer sua cauda luzir Borrifando a água do Nilo Que dourada vem cair</i></p> <p style="text-align: center;"><i>Sorriso largo, vai nadando, E de manso, enquanto nada, Os peixinhos vai papando Co'a bocarra escancarada!</i></p>

Fonte: Carroll, 2002, p. 25; Carroll, 2013, p 18-19 (grifos da tradução).

Como se pode perceber, na adaptação de Machado, a canção popular pode ser facilmente reconhecida pelas crianças, por fazer parte do repertório musical infantil brasileiro. Nesse sentido, ela produz um maior efeito de proximidade com a narrativa do que o original de Carroll, visto que, nele, de acordo com as notas de Gardner, “os poemas nos dois livros de *Alice* são paródias de poemas ou canções populares muito conhecidos pelos leitores contemporâneos de Carroll” (Gardner, 2013, p. 264), ou seja, dificilmente faria parte do repertório cultural de nossos leitores.

Não obstante a Alice de Tenniel esboçar reações contidas aos eventos estranhos que vivencia no País das Maravilhas, a Alice de Jô é mais expressiva e transmite sentimentos variados, em consonância com as situações esquisitas daquele lugar. Isso pode ser observado nas ilustrações que compilamos na Figura 6, a seguir:

Figura 6 – A expressividade de Alice nas xilogravuras de Jô Oliveira



Fonte: Carroll, 2002, p. 24, 52, 67, 85, 120, 127.

Conforme se pode observar, a cada episódio excêntrico, a imagem de Alice demonstra sentimentos diferentes, como tristeza e desolação no capítulo II – a lagoa de lágrimas; expressa surpresa ao receber “conselhos de uma lagarta”, no capítulo V; o susto de Alice, ao encontrar o Gato de Cheshire sorrindo em cima do galho de uma árvore, é expresso com a imagem da menina com a cabeça levantada, a boca aberta e a mão no queixo; em “O campo de croquet da rainha”, Alice demonstra sua coragem ao se impor diante da truculência da tirana e não recusar o convite desafiador para o jogo; ao ser chamada a testemunhar no episódio do roubo das tortas, Alice, que está gigantesca novamente, derruba o compartimento do júri com a barra do vestido, fazendo todos voarem pelos ares, o que a deixa muito consternada e a leva a recolher todos e colocá-los de volta a seus lugares; por fim, ao despertar do sonho, Alice, ainda impactada, conta à irmã toda a sua aventura no País das Maravilhas.

Como vimos, as ilustrações dessa obra representam mais do que um mero estilo de arte escolhido para uma adaptação. Elas representam uma ponte cultural para os jovens leitores transitarem entre o País das Maravilhas de Carroll, ambientado na era vitoriana, e o Nordeste brasileiro atemporal, que se eterniza através das imagens criadas e engenhosamente entalhadas pelo artista. Assim, a xilogravura se consolida como uma manifestação artística capaz de traduzir de maneira mais vívida e impactante a narrativa verbal que a acompanha.

Uma Alice multicolorida chega ao Nordeste pelo traço de Marcos Garuti

Publicada pela editora Nova Alexandria sob o selo Volta e Meia, a obra *Alice no País das Maravilhas em cordel* (2010), do cordelista alagoano João Gomes de Sá, é uma adaptação com ilustrações do paulista Marcos Garuti que, com seu traço estilizado e a mistura entre colagem, carimbo e pintura, imprime originalidade ao seu trabalho, buscando aproximações entre sua interpretação visual de Alice para o cordel e elementos da cultura nordestina, que já prendem a atenção do leitor ao simples flerte com a capa.

Nas palavras de Wanderley, “a capa é o primeiro registro visual ao qual o leitor tem acesso em um livro, e a leitura deste pode ter o seu início já a partir da ilustração presente nela” (Wanderley, 2022, p. 134). Em conformidade com essa afirmação, podemos observar, na Figura 7, a seguir, a capa e a quarta capa do livro, possibilitando ao leitor vislumbrar as peculiaridades do estilo figurativo do artista no uso das cores fortes remetendo ao clima tropical e ensolarado do Nordeste, assim como dos elementos simbólicos da obra carrolliana que ele escolhe colocar em seu projeto gráfico.

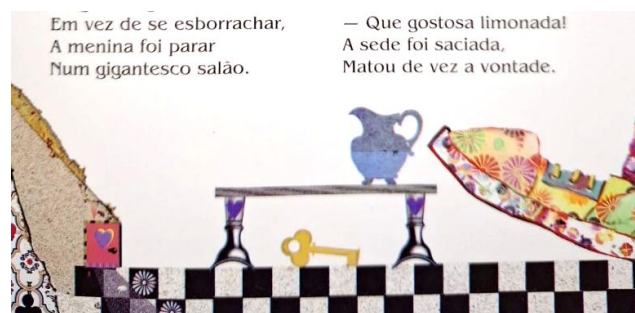
Figura 7 – Capa e quarta capa de *Alice no País das Maravilhas em cordel*, ilustradas por Marcos Garuti

Fonte: Sá, 2010.

Com efeito, Garuti consegue, de maneira engenhosa, aguçar a curiosidade do leitor pela leitura completa da obra, ao não apresentar a imagem de Alice logo na capa. A presença da protagonista, apenas sugerida por um par de pernas para o ar, numa referência à queda que a leva ao País das Maravilhas, já revela a caracterização diferenciada que sua imagem terá, pois os tênis e as meias multicoloridos que vemos contrastam com a já conhecida sapatilha preta de Alice nos desenhos de Tenniel.

Assim, a narrativa verbal se inicia, seguida de perto pela narrativa visual, que vai recriando aquele universo maravilhoso ambientando-o no Nordeste, mostrando o “velho casarão” de Alice, o Coelho, o jardim onde ela está com a irmã, a cacimba onde ela cai (no cordel, a toca do coelho é transmutada para uma cacimba, poço muito usado no sertão nordestino para armazenar água), todavia, a menina ainda não aparece. Dela só se vê o pé, que aparece enorme – conforme se pode observar na Figura 8 – em comparação com a mesinha onde está a jarra de limonada que fez Alice ficar gigantesca:

Figura 8 – O gigantesco pé de Alice



Fonte: Sá, 2010, p. 13.

Somente na página seguinte é que vemos, finalmente, Alice, ainda que minúscula e com o tronco submerso na lagoa que se formara com suas lágrimas, ao chorar por ter assustado o Coelho com sua altura desmedida e ter ficado sozinha no salão sem saber como fazer para passar pela portinha “da parede lateral” (Sá, 2010, p. 14) e chegar ao belo jardim que havia do outro lado. Nesta ilustração, vemos os cabelos encaracolados, conforme se pode conferir na Figura 9, a seguir, as mangas azuis com estampas florais do vestido, os braços para frente, como se boiasse, e, novamente, os pés. Ao seu lado, vemos um desenho que deduzimos ser o pedaço de rapadura – doce feito a partir do caldo de cana-de-açúcar, muito conhecido por ser uma sobremesa típica nordestina – que, no cordel, substitui o bolinho que Alice come para diminuir de tamanho.

Figura 9 – Alice na lagoa de lágrimas



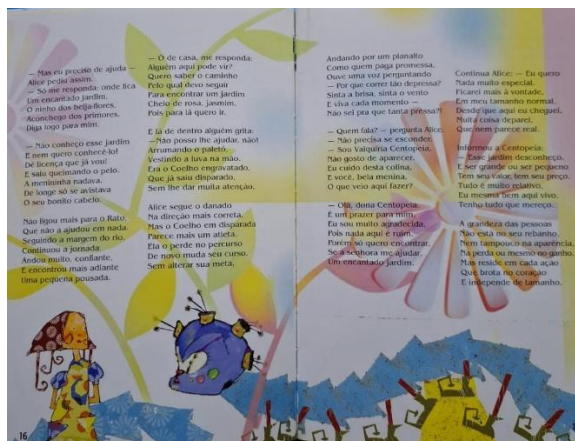
Fonte: Sá, 2010, p. 14.

Nessa perspectiva de aproximar a Alice de Carroll da cultura nordestina, o artista recorre a estampas florais multicoloridas, sugestivamente relacionadas ao tecido de chita que costuma ornamentar festejos nordestinos, como as tradicionais festas e quadrilhas juninas. Ademais, os tênis coloridos reaparecem como ratificação de que eram mesmo os pés da protagonista iniciando essa viagem fantástica.

Na página seguinte, vemos a imagem de Alice, ainda pequenina, conversando com a Centopeia Valquíria, que, no cordel, substitui a Lagarta Azul. A ilustração em página dupla, conforme se observa na Figura 10, traz, como plano de fundo das estrofes, uma estampa floral, numa possível referência simbólica ao jardim florido que Alice deseja encontrar. Na parte inferior da página, o leitor presencia o encontro da menina com a Centopeia que, com seu corpo pontiagudo e ondulado, e com as patas assemelhando-se a

um espiral, ocupa uma página e meia, enquanto a pequenina Alice aparece no canto esquerdo, com os braços para trás, numa postura de pouca confiança diante da imponência da outra.

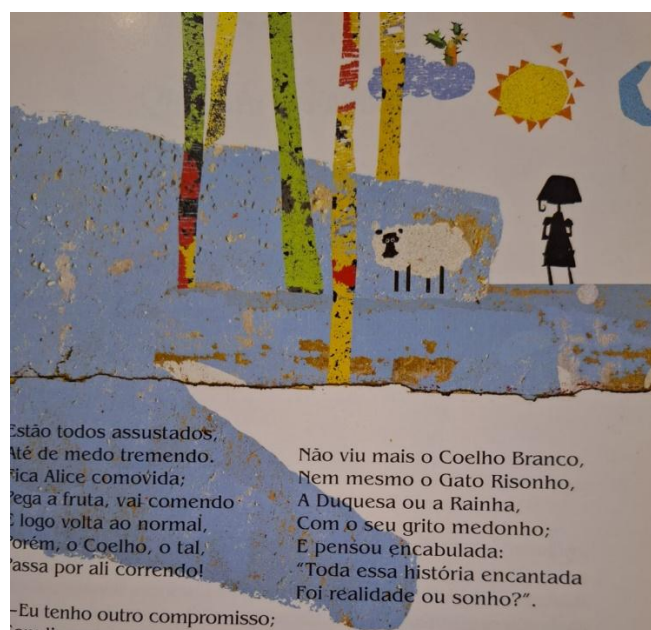
Figura 10 – Alice e a Centopeia Valquíria



Fonte: Sá, 2010, p. 16-17.

Com efeito, essa figura de uma Alice multicolorida, com o sol e a lua adornando seu vestido e um lenço florido prendendo os cabelos cacheados deixando escapar algumas mechas, na ilustração final da narrativa, é substituída pela imagem apenas de sua silhueta preta, de costas para o leitor, sinalizando o final da história e o retorno ao mundo real, distante daquele universo encantado, conforme se pode observar na Figura 11:

Figura 11 – Silhueta de Alice de volta para casa



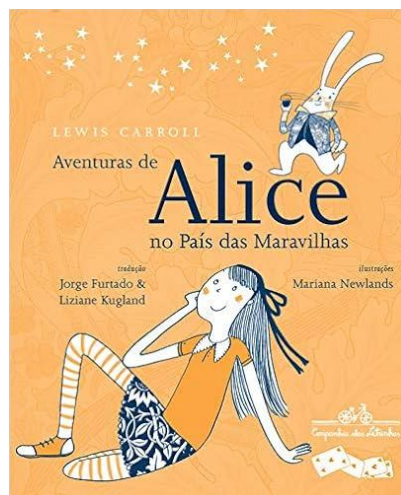
Fonte: Sá, 2010, p. 29.

Como vemos, o sol, que antes enfeitava e coloria o vestido da menina aventureira, agora proporciona a ela e aos leitores um espetáculo de pô do sol, como se sugere pelos raios se dissolvendo no céu, e a lua, ao lado, aguardando para entrar em cena com a chegada da noite – ideia reforçada pelo plano de fundo azul na ilustração, que lembra uma boca de jacaré ou “a boca da noite”, talvez. Nessa imagem, o ilustrador encerra sua narrativa visual usando o recurso do narrador visual intruso (Nikolajeva; Scott, 2011), que ocorre quando um personagem olha diretamente para o leitor, como é o caso da ovelha que aparece na cena e olha diretamente para o leitor, como se esperasse dele a resposta para a pergunta de Alice nos últimos versos da narrativa: “Toda essa história encantada / Foi realidade ou sonho?” (Sá, 2010, p. 29).

O traço leve e contemporâneo de Mariana Newlands

Nessa edição de *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* (2014), que tem as ilustrações de Mariana Newlands, os desenhos extrovertidos se harmonizam bem com a linguagem descontraída da tradução feita por Jorge Furtado e Liziane Kugland. Conforme se vê na capa (Figura 12), a figura de Alice ocupa lugar de destaque e os paratextos, como título e outras informações, são distribuídos ao seu redor.

Figura 12 – Capa de Alice ilustrada por Mariana Newlands



Fonte: Carroll, 2014.

Podemos perceber que a aproximação entre leitor e obra já pode ser iniciada na capa, onde as imagens e as cores passam uma agradável sensação de leveza ao leitor. Isso

porque o traço estilizado das linhas contínuas e os contornos simples e arredondados se aproximam dos desenhos infantis, promovendo uma fácil identificação com o público infantil e juvenil, conseguindo aproximar a obra dos leitores contemporâneos. Além disso, a suavidade dos tons de cinza e laranja cria uma atmosfera de alegria e tranquilidade que combina com a pose despreocupada de Alice, que parece estar descansando, à espera do leitor para abrir o livro e começarem a aventura juntos.

Outro detalhe que também reforça essa proximidade com a atualidade é a roupa casual que Alice usa: uma camisa básica de manga curta e gola, saia godê estampada e com babadinho na borda, meias listradas e tênis, sentada numa pose pouco adequada para uma garota vestindo saia.

Para cada abertura de capítulo, há uma ilustração de página inteira, cujo plano de fundo é feito, em geral, com textura de estampa floral, ora em tons de laranja, ora em tons de cinza, com os desenhos dos personagens sobrepostos. Chama a atenção a ausência de molduras que, em conformidade com Nikolajeva e Scott (2011, p. 87), “é um elemento visual de ambientação extremamente poderoso. Ela em geral cria uma sensação de distanciamento entre a imagem e o leitor”. Nesse aspecto, consideramos interessante mostrar a ilustração do capítulo 4 “O Coelho Manda um Bilhete”, que traz Alice gigantesca dentro da casa do Coelho, e a ilustradora utiliza as bordas da página como moldura, conforme se observa na Figura 13:

Figura 13 – Bordas da página sendo usadas como moldura para a ilustração



Fonte: Carroll, 2014, p. 44.

Nessa ilustração, a ausência de moldura, em conformidade com Nikolajeva e Scott (2011, p. 87), “convida o leitor a entrar na imagem”, funcionando como uma ponte entre o leitor e a obra, uma vez que compartilhamos com a protagonista a sensação de desconforto ao vê-la presa na página do livro. Com efeito, a expressão facial de Alice nesse episódio reforça sua contrariedade por não caber naquele espaço depois de tanto esticar e sua aflição por não saber como sair dali.

De fato, as expressões faciais e corporais de Alice mudam bastante de acordo com as situações que ela vivencia, ou seja, ela não fica apática àquele universo, mas se espanta, entristece-se, alegra-se, enfim. Nesse sentido, conforme podemos observar no compilado da Figura 14, é possível perceber o susto ao cair na toca do coelho, a expressão questionadora na conversa com o papagaio, no capítulo 3 “Uma Reunião-Corrida e uma História Comprida”, o semblante de dúvida, reforçado pela mão no queixo, no encontro com o “Gato Querri” e o leve sorriso no reencontro com a duquesa.

Figura 14 – Diferentes expressões faciais de Alice





Fonte: Carroll, 2014, p. 10, 32, 70, 112.

Como podemos observar, não apenas a expressão de Alice se modifica a cada novo acontecimento, mas também as cores e estampas da ilustração. Isso, conforme Biazetto, ocorre como estratégia para prender a atenção do leitor por mais tempo, pois “a imagem de atraente leitura é aquela que apresenta focos de interesse em vários pontos, que inclui regiões com maior densidade de detalhes e outras com menor densidade” (Biazetto, 2008, apud Oliveira, 2008, p. 78). Assim, no encontro de Alice com o Gato Querri, por exemplo, a façanha do bichano de ficar invisível é demonstrada com sua figura desenhada em tom de cinza entre a folhagem do pano de fundo da ilustração, em contraste com a imagem de Alice colorida e em destaque, o que prende a atenção do leitor, todavia, a figura do gato entre as folhas faz o leitor se demorar um pouco mais observando sua silhueta.

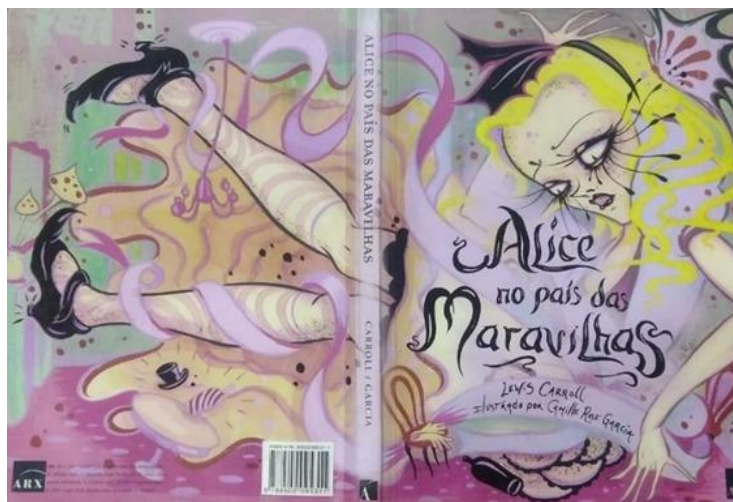
Em suma, nas palavras de Biazetto, “uma ilustração rica, associada a um texto, também rico, estimula e alimenta a imaginação e a criatividade do leitor” (Biazetto, 2008, apud Oliveira, 2008, p. 88-89). De fato, essa adaptação apresenta tais qualidades em sua dupla narrativa, com as ilustrações potencializando a fantasia e transportando as crianças para o País das Maravilhas, onde tudo é possível.

O mundo subterrâneo vem à tona com Camille Rose Garcia

Nessa edição de Alice (2010), da editora ARX, a artista plástica norte-americana Camille Rose Garcia leva o País das Maravilhas a uma versão gótica adulta, na qual a menina curiosa de Carroll aparece sob seu traço estilizado, conforme se observa na Figura

15, propondo uma leitura crítica e satírica sobre os padrões de beleza e o comportamento da sociedade contemporânea – como é comum em toda o trabalho da autora.

Figura 15 – Capa e quarta capa ilustradas por Camille Rose Garcia



Fonte: Carroll, 2010.

A ilustração de capa causa um impacto imediato no leitor, ao observar a imagem de Alice, muito diferente da menina bem-comportada que nos foi apresentada por Tenniel, por versões ternas como a de Mariana Newlands ou por releituras singulares como a das xilogravuras de Jô Oliveira ou a da caricatura de Garuti, como vimos anteriormente. Aqui, as feições de Alice se destacam por não serem mais as de um rosto infantil, mas sim maduro, com uma maquiagem forte que abusa das sombras preta e lilás ao redor dos olhos, ostentando cílios protuberantes que parecem escorrer pelo rosto, além do batom preto nos lábios.

Para além das diferenças físicas notórias, a posição em que ela se encontra nessa ilustração, que também usa as bordas da página como moldura, sugere desconforto e preocupação com a situação, o que também pode refletir no leitor. Ela está em um lugar apertado – que o leitor presume ser a casa do Coelho Branco – e tenta se acomodar ao pouco espaço que tem disponível. Isso pode ser percebido pela cabeça inclinada para baixo, enquanto tenta se apoiar com um braço para frente e o outro tocando o teto acima de sua cabeça. Além disso, a boca aberta pode sugerir, tanto surpresa com a ocasião, como também certa dificuldade para respirar devido à posição em que se encontra.

Ainda sobre essa ilustração – que se constitui em página dupla (capa e quarta capa) –, é importante ressaltar que ela precisa do olhar atento e da cooperação do leitor para

abrir o livro e olhá-lo por fora. A visão panorâmica da cena reforça a sensação de angústia da personagem, que também o leitor compartilha, pois a protagonista parece ainda estar crescendo, visto que as faixas lilases que parecem sair do vestido e serpentearem por toda a página, enroscando-se nas pernas de Alice, parecem estar se expandindo e os babados do vestido, criando ondas, dão a sensação de movimento e parece que a qualquer momento vão preencher toda a página.

A fonte usada para escrever o título do livro é mais um elemento que contribui para a construção desse clima macabro, haja vista que elas lembram o universo gótico, na escolha de letras angulares, com linhas quebradas e sinuosas. A leitura geral do texto verbal com o texto visual parece perguntar ao leitor: tem espaço para essa Alice no País das Maravilhas?

Todo o livro transborda essa atmosfera sombria, até as margens das páginas, que são amareladas para parecerem envelhecidas como antigos pergaminhos. As cores reforçam esse tom, com destaque para o amarelo e o lilás que, em contraste com o preto, predominam na maior parte das ilustrações, que, por sua vez, variam entre ilustrações de página dupla, de página inteira, de meia página e vinhetas.

Conforme Biazetto, uma boa ilustração “comunica-se com o leitor, num diálogo que não se esgota no primeiro momento, mas convida a criança ou o jovem a revê-la, ir e voltar pelas páginas, retomar algum detalhe, olhar novamente” (Biazetto, 2008, apud Oliveira, 2008, p. 79). É isso que acontece com os desenhos de Garcia: impactam o leitor em sua primeira olhada e o convidam a chegar mais perto para enxergar os detalhes e descobrir a beleza da mensagem que comunicam.

Com efeito, a narrativa *nonsense* de Carroll, aqui traduzida por Tatiana Belinky, ganha uma repaginação visual bastante contundente e reflexiva, dada pela força de expressão do traço envolvente de Garcia, que intensifica sensações de medo, preocupação, agressividade, surpresa, impaciência, desdém, entre outros sentimentos que Alice vivencia em seu passeio sinistro por aquele mundo sombrio.

Aliás, uma das primeiras ilustrações do livro, intitulada “Na tarde dourada”, é uma peça que se encaixa em uma outra quase no final da narrativa, que traz a inscrição “Nossa, eu tive um sonho tão esquisito”, as quais, juntas, sugerem que esse passeio da jovem Alice não passou de delírios provocados pelo consumo de bebidas. Isso porque, na primeira imagem, a ilustração de página dupla mostra Alice do lado superior direito parecendo dormir “enterrada” no chão, ficando à mostra apenas sua cabeça, que descansa apoiando

o rosto em cima dos braços cruzados. No canto inferior esquerdo, aparece uma garrafa no meio da relva, como se sugerisse que ela havia bebido.

Já a outra imagem, uma ilustração de meia página quase no final do livro, mostra Alice parecendo sair de baixo da terra, como se estivesse se desenterrando. Há algumas flores, cogumelos e borboletas ao redor dela. Os cabelos estão espalhados no chão e os olhos parecem cansados – como ao longo de toda a narrativa. Ela olha para o alto como se pronunciasse a frase escrita “Nossa, eu tive um sonho tão esquisito”, e a mão toca uma garrafa que parece ser de bebida alcoólica, conforme se pode observar na figura 16:

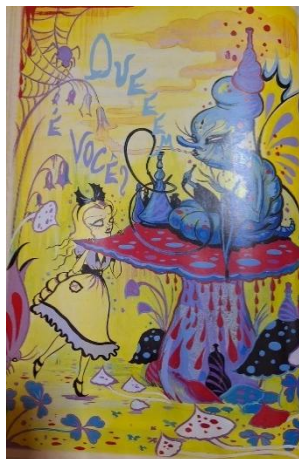
Figura 16 – Ilustrações que sugerem o consumo de bebidas



Fonte: Carroll, 2010, p. 6-7, 154.

Outra cena que sugere a presença de bebida alcoólica está no Capítulo 5, “Conselhos de uma Lagarta”, onde aparecem duas garrafas de bebida no pé do cogumelo e mais dois vidros tampados em cima de outro cogumelo mais ao lado, conforme se pode observar na Figura 17 a seguir:

Figura 17 – Presença de garrafas de bebida junto a Alice no encontro com a Lagarta



Fonte: Carroll, 2010, p. 54.

Nessa ilustração, dispensando a demonstração de garrafas de bebida na cena, notamos a viva alusão que autora faz a Tenniel. Ao escolher um ângulo diferente, Garcia possibilita ao leitor ver a Lagarta e Alice de frente enquanto dialogam sobre identidade e autoconhecimento. A posição das duas personagens reforça a referência à ilustração original, ao espelhar a Lagarta em cima do cogumelo segurando a mangueira do narguilé com a mão direita, enquanto olha para a pequenina Alice, que levanta os pés para poder vê-la melhor, assim como ocorre na ilustração de Tenniel, mostrada na Figura 4.

Reforçando a ideia de que o País das Maravilhas pode ter sido um delírio alcoólico de Alice, e que, nesse caso, contradiz o texto verbal, no capítulo 6, “Um chá maluco”, a Lebre de Março oferece vinho a Alice e depois diz que não tem, enquanto a ilustração mostra uma garrafa que parece ser de vinho, numa cadeira perto de Alice, da qual sai um líquido vermelho que se espalha por toda a página dupla ocupada pela ilustração, conforme se pode conferir na citação e, depois, na Figura 18, a seguir:

- Tome um pouco de vinho — ofereceu a Lebre de Março em tom convidativo. Alice olhou por toda a mesa, mas não havia nada além de chá.
- Não vejo vinho nenhum — ela observou.
- Não há nenhum — disse a Lebre de Março.
- Então não é muito elegante de sua parte oferecê-lo — reclamou Alice, irritada (Carroll, 2010, p. 84).

Figura 18 – Ilustração que contradiz o texto verbal



Fonte: Carroll, 2010, p. 86-87.

Como se pode perceber, a presença sugestiva de bebida alcoólica acompanha Alice em seu passeio pelo País das Maravilhas, e essa ideia é intensificada tanto pelos olhos aparentemente cansados da jovem vagante, quanto pela recorrência desse elemento em diferentes momentos da narrativa.

Nesse sentido, consideramos que a narrativa visual de Garcia imprime ao texto carrolliano uma atmosfera bastante diferente de outras versões, e pode ser capaz de levar o leitor a se questionar sobre padrões sociais de comportamento, de beleza e de aceitação de si e do outro na sociedade contemporânea. Ademais, a apresentação de uma narrativa visual mais adulta, em paralelo com o texto integral de Carroll, torna-se um atrativo a mais para novos leitores, especialmente para o público adolescente, que tende a se interessar pelo estilo impactante do gótico, na busca por experiências intensas que os desafiem e os encorajem a descobrir outros universos por meio da literatura.

Considerações finais

Como pudemos observar, as recriações da figura de Alice inovam sua imagem e possibilitam sua permanência viva no imaginário social contemporâneo. Com efeito, cada artista imprime sua marca, capturando do texto que tem em mãos as ideias que construirão a narrativa visual decorrente de sua interpretação individual enquanto leitor.

Desse modo, as edições aqui comentadas demonstram as soluções criativas com as quais os ilustradores apresentaram o público, ao transformar sua leitura cuidadosa e inventiva num artefato estético capaz de encantar e prender a atenção dos leitores, desde o primeiro olhar sobre a capa até o encerramento da narrativa.

Nessa perspectiva, para além da ilustração de uma obra que se mantém viva há quase 160 anos, o trabalho de Jô Oliveira, com suas xilogravuras, enriquece não apenas o arcabouço literário da obra carrolliana, mas também a coloca em diálogo com a cultura nordestina. De modo semelhante, a adaptação em cordel fortalece esse intercâmbio cultural, ao mesmo tempo em que expande o alcance de seu público ao trazer o traço retorcido e bem-humorado de Marcos Garuti, que vai nos apresentando, aos poucos, uma Alice diferente e multicolorida.

Numa atmosfera mais pueril, as ilustrações de Mariana Newlands imprimem delicadeza às situações adversas vivenciadas por Alice, corroborando o tom descontraído da tradução do texto de Carroll. Em contraste com esse clima terno, as ilustrações de Camille Rose Garcia trazem a crítica ácida aos padrões de beleza e comportamento impostos pela sociedade contemporânea por intermédio do estilo gótico.

Em todas essas adaptações, o leitor tem a rica oportunidade de apreciar as minúcias da dupla narrativa – verbal e visual – da obra Carrolliana, que carrega em si inesgotáveis possibilidades de significação, cuja descoberta vai acontecendo durante o percurso de leitura, o que pode variar entre os leitores, de acordo com suas vivências sociais e experiências de leitura anteriores.

Referências

BIAZETTO, Cristina. As cores na ilustração do livro infantil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

BOSCARIOL, Mariana. História da Roupas Infantil: a moda para crianças até o século XIX – Parte 1/2. **Fashion Bubbles**, 2022. Disponível em: <https://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/historia-da-roupa-infantil-a-moda-para-criancas-ate-o-seculo-xix/> Acesso em: 27 mar. 2024.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações de Camille Rose Garcia; Tradução de Tatiana Belinki. São Paulo: Saraiva, 2010.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações de Jô Oliveira; Tradução de Ana Maria Machado. São Paulo: Ática, 2002.

CARROLL, Lewis. **Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho**. Ilustrações originais de John Tenniel. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2. ed. com. e il. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CARROLL, Lewis. **Aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Ilustrações de Mariana Newlands; Tradução de Jorge Furtado e Liziane Kugland. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

CARROLL, Lewis. **Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho e o que ela encontrou por lá**. Ilustrações de John Tenniel; Tradução de Sarah Pereira. Cotia: Pandorga, 2022.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa? In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

GARDNER, Martin. Introdução e notas. In. CARROLL, Lewis. **Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através do Espelho**. Ilustrações originais de John Tenniel. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2. ed. com. e il. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GERGULL, Elisa de Freitas Weimann. **Alice no país das maravilhas: uma análise comparativa das ilustrações à luz da tradução intersemiótica**. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração no livro infantil e juvenil. In: OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: DCL, 2008.

SÁ, João Gomes de. **Alice no País das Maravilhas (em cordel)**. Ilustração de Marcos Garuti. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

WANDERLEY, Naelza. O lagarto: “uma história de fadas” contada nas palavras de Saramago e na xilogravura de J. Borges. **Revista da Anpoll**, v.53, n. 3 p. 129-142, 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1810/1274>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Recebido em: 03/05/2024

Aprovado para publicação em: 27/11/2024